UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE QUÍMICA - LICENCIATURA

A contribuição de uma abordagem humanizada no espaço acadêmico para o enfrentamento e superação das *crises* socioafetivas vivenciadas pelos discentes

VANESSA ALVES DA SILVA

Caruaru
2019

VANESSA ALVES DA SILVA

A contribuição de uma abordagem humanizada no espaço acadêmico para o enfrentamento e superação das *crises* socioafetivas vivenciadas pelos discentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduanda em Licenciatura em Química.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Leal

Caruaru

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Vanessa Alves da.
A contribuição de uma abordagem humanizada no espaço acadêmico para o enfrentamento e superação das crises socioafetivas vivenciadas pelos discentes / vanessa alves da silva / Vanessa Alves da Silva - 2019.
42f.: il.;30 cm.

Orientador(a): Ana Lúcia Leal
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Química - Licenciatura, 2019.
Inclui referências, apêndices.

1. Educação. 2. Formação Humana. 3. Crises. I. Leal, Ana Lúcia II. Título.

370 CDD (22.ed.)

Este trabalho é dedicado às pessoas mais importantes de minha vida: Meus pais Adeildo e Maria José.

AGRADECIMENTOS

É valiosíssimo saber que diante de todos os obstáculos enfrentados durante a graduação, consigo, então, encerrar aqui uma grande etapa da minha vida. E mais importante ainda é saber que não estive só durante esse processo. Ao meu lado tive profissionais e pessoas que enxergaram meu lado humano e que, mesmo diante de limitações, acreditaram no meu potencial e em minha capacidade de chegar até aqui.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por permitir que tudo fosse possível. Como sempre gosto de ressaltar que ele está sempre comigo e não permite que eu desista, pois os obstáculos surgem para nos fortalecer e nos mostrar que existe algo maior preparado para nossas vidas.

Agradecer profundamente a minha querida orientadora Profa. Dra. Ana Lúcia Leal. Ela, que em nenhum momento, “largou a minha mão”. Que esteve comigo durante toda a construção deste trabalho, que me incentivou e me mostrou que o ser humano pode ser ainda mais belo do que aparenta ser, sendo uma pessoa ímpar. Posso afirmar que se existe um ser humano que nos ensina o significado de Resiliência, é ela, estando comigo sempre, me orientando da forma mais competente e responsável, e também me apoiando nos momentos das *crises* que surgiram durante a construção deste trabalho. São pessoas como ela que tornam os dias mais belos de serem vividos.

À Dra. Ligilvânia Cardoso de Lira Dantas que repetiu inúmeras vezes o quanto eu era capaz e o quanto acreditava em mim. Ela, que vem cuidando da minha saúde mental e se preocupando diariamente com a realização das minhas conquistas, que a cada semana me mostra a importância do amor próprio e do quanto podemos ir além através dele. Por nunca desistir de mim, o meu muito obrigada repleto de amor.

Agradecimentos sinceros ao professor João Tenório, que também foi um grande incentivador, principalmente em momentos onde nem eu mesma acreditava que seria capaz, ele disse: “Você consegue!”

Aos meus pais, que são meu alicerce, que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui, e se hoje sou uma pessoa íntegra, de valores morais e éticos, devo tudo a eles.

A pessoa de Laysa Mery da Silva, que foi responsável por me dar tanta força, não só durante o período acadêmico, mas também na vida. Aos meus colegas de graduação por todo o apoio durante os árduos períodos e, em especial, Rosália Luzia que foi minha dupla nas aulas de laboratórios, nas salas de aula e na vida. E Maria das Graças que também foi mais uma companheira e amiga dedicada na qual sou extremamente grata as duas por tudo.

Aos docentes Roberta Dias e Renato Santos, que me acolheram de maneira tão branda durante momentos conturbados, durante a graduação.

A banca examinadora representada por João Roberto Ratis Tenório da Silva e Luan Danilo Silva dos Santos, por aceitarem participar da mesma.

Chego até aqui com meu coração repleto de gratidão!

RESUMO

Ensinar alguém deve ser visto como um belo ato de amor e cuidado para com o outro. Porém, isto não significa que se trata de uma tarefa fácil, exigindo do educador um significativo esforço para atingir os objetivos almejados. Não significando, porém, que uma não aprovação é sinal de falha total de ambas as partes (aluno e professor). O que realmente importa são as tentativas e a vontade de sempre aprimorar o conhecimento, adequando-o a realidade da turma. Por este motivo, a presente pesquisa foi realizada com o intuito de mostrar a necessidade de um olhar humanizado do professor para com o aluno, isto porque durante a graduação os mesmos podem passar por situações de *crise* que os impeçam de seguir da forma esperada. *Crise* esta, que é a peça chave de todo o trabalho e que será abordada por autores, como Bollnow e Rohr. Neste sentido, nosso objetivo geral foi "conhecer como os alunos avaliam os professores de sua graduação, em relação aos auxílios oferecidos a eles diante de possíveis crises". Para esta investigação, em nossa metodologia, utilizamos um questionário semiaberto, aplicado em três turmas do Curso de Química, licenciatura da UFPE/CAA, contando com a participação de 59 alunos. Como resultados, os alunos consideraram a necessidade da existência de um tipo de educador dotado não apenas de uma boa formação técnica, mas também humana, além de apontarem: Falta de uma formação específica que propiciasse aos educadores a oportunidade de aprender a lidar com situações do âmbito pessoal que possam interferir na aprendizagem do aluno; A possibilidade dos professores, quando alunos, terem recebido um tipo de tratamento que, infelizmente, reproduzem no presente; A falta de diálogo, que contribui para a dificuldade de uma abordagem humanizada e; Egocentrismo e má vontade. É válido ressaltar, que não há nenhum julgamento, *a priori*, quanto à postura assumida por alguns docentes, mas ressaltamos as consequências dramáticas que, uma vez sendo equivocada, pode trazer à saúde mental dos alunos, que necessitam serem acolhidos em sua inteireza e amparados diante das *crises* porventura surgidas. Como conclusão, consideramos essencial buscar formas de desenvolver um trato humanizado que contemple os pares. Disciplinas obrigatórias que considerem a formação humana, além de capacitações sistemáticas que visem uma educação de qualidade, voltada não apenas à

transmissão dos conteúdos acadêmicos, mas também para o cuidado com o próximo são imprescindíveis e podem ser exemplos de encaminhamentos que contribuirão, sem dúvida, para a melhoria da qualidade de vida, como um todo.

Palavras-chaves: Educação, Formação Humana, Crise.

ABSTRACT

Teaching someone should be seen as a beautiful act of love and care for others. However, this does not mean that this is an easy task, requiring the educator to make a significant effort to achieve the desired goals. This does not mean, however, that non-approval is a sign of total failure on both sides (student and teacher). What really matters is the attempts and willingness to always improve knowledge, adapting it to the reality of the class. For this reason, the present research was conducted in order to show the need for a humanized look of the teacher towards the student, because during the graduation they may go through crisis situations that prevent them from following the expected way. This crisis, which is the key piece of all the work and will be addressed by authors such as Bollnow and Rohr. In this sense, our overall objective was “to know how students evaluate their undergraduate teachers in relation to the aid offered to them in the face of possible crises”. For this research, we used a semi-open questionnaire, applied in three classes of the Chemistry Course, undergraduate UFPE / CAA, with the participation of 59 students. As a result, we may consider that students have identified the need for a kind of educator with not only good technical but also human training. Participating students also indicated the possible causes that would theoretically prevent teachers from having a deeper look at this theme, which were mentioned lack of specific training where educators had the opportunity to learn how to deal with personal situations, in which can interfere with student learning, and that is not to say that it is lack of interest, but personal problems that limit it. Student D. replied that “some are very technical at class time and sometimes also do not understand that some students have difficulty learning”. Students who answered that there is a greater concern only with the classes and not with regard to the human part. Student M.H replied, "Maybe some teachers are just concerned about the classroom experience and not how the students are." Among the answers, they also stated that as students, teachers had this type of treatment and, therefore, treat their students in the same way. Student R.F replied: “Perhaps because they did not have this “care” in family and school relationships, they have this behavioral reference”. As was also mentioned

the lack of dialogue as a possible cause of the absence of this humanized look, because the conversation between teacher and student can indicate where the problem exists and thus seek ways to solve them. Also mentioned was an excess of egocentrism on the part of educators, ill will and lack of humanity. (summarize here what they said. What were they?) We understand, however, there is a lack in the very formation of it. We identified that teachers are not always the villains in the educational process, for example, that in the undergraduate course itself analyzed, there is no compulsory discipline aimed at welcoming the student in its entirety, much less are prepared to deal with situations of crisis that may arise in the Academy. In conclusion, we consider it essential to look for ways to develop a humane approach that addresses peers. Systematic training aimed at improving quality education, focused not only on the transmission of academic content, but also on caring for others, can be a start, and it is essential.

Keywords: Education, Human Formation, Crisis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo apresentado por Röhr para as dimensões básicas e temáticas 15

Quadro 1 – Respostas dadas a respeito da pergunta: “Por que você acha que alguns professores, às vezes, não desenvolvem uma relação humanizada com seus alunos?” 15

Quadro 2 – Respostas afirmativas fornecidas à pergunta: “Você acha que uma abordagem humana, por parte do professor, poderia interferir em sua formação acadêmica?” 17

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Incidência de trabalhos publicados entre os anos de 2014 a 2018 relacionados ao tema da Educação e Formação Humana 15

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**14**
2	**OBJETIVOS**	**20**
2.1	GERAL	20
2.2	ESPECÍFICOS	20
3	**FORMAÇÃO HUMANA E EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DE BOLLNOW E DE RÖHR**	**21**
3.1	ALGUNS CONCEITOS DE OTTO F. BOLLNOW	21
3.2	A CONCEPÇÃO DE INTEGRALIDADE SEGUNDO FERDINAND RÖHR	25
4	**METODOLOGIA**	**29**
4.1	LOCAL E PERÍODO	29
4.2	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	29
4.3	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	30
4.3.1	**Questionário**	30
4.3.2	**Análise dos dados**	32
5	**RESULTADOS E DISCUSSÕES**	**33**
6	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**38**
	REFERÊNCIAS	**41**
	APÊNDICE A	**42**

1 INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto de que o educador necessita se implicar, da melhor maneira possível, com a formação humana de seus educandos. A falta de atenção e de cuidado com o discente acaba limitando as possibilidades de ajudar a sanar os problemas deste, na medida em que forem surgindo no cotidiano.

Para uma efetiva construção da identidade docente que tenha como princípio norteador não só o aprendizado do aluno, mas sua formação integral se faz necessária. Neste sentido, é essencial contemplar não apenas a realização imediata de seu ofício, mas buscar sensibilizá-lo a acolher o seu aluno nas possíveis situações adversas existentes no dia a dia.

Como sabemos a tarefa educacional não é simples, não existe um modelo pronto para ser seguido. Condições adversas podem interferir no desempenho de um educador, tais como: Desvalorização da profissão, que se dá, por exemplo, quando o professor é mal remunerado; Quando é visto como uma figura que está ali apenas para cumprir um papel que vem pré-determinado pelo ministério da educação, com prazos e metas a serem cumpridas; Excessivo número de alunos por sala; Recursos didáticos limitados; estrutura física da escola inadequada, com salas mal iluminadas e/ou ventiladas e também superlotadas; Falta de materiais para utilizar durante as aulas e; falta de apoio e participação da família.

Para termos uma noção mais concreta das problemáticas que o professor enfrenta dados recentes publicados pelo Ministério da Educação mostram, por exemplo, que as salas de aula de escolas públicas, no Brasil, estão com sua capacidade acima do ideal, em relação às particulares.

> Na maioria dos países membros e parceiros da OCDE[1], o tamanho médio das turmas não difere mais do que dois alunos quando se comparam os tipos de instituição de ensino fundamental (público e privado). No entanto, em alguns países (incluindo Brasil, Colômbia, Federação Russa, Letônia, Polônia e República Tcheca), o tamanho médio da turma em escolas

[1] Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

> públicas ultrapassa em cinco alunos as escolas privadas (PANORAMA DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 21).

Outro ponto bastante importante de ser frisado, e também já citado, é o pouco compromisso da família no aprendizado de seus filhos, já que alguns delegam grande parte, ou até mesmo toda a responsabilidade da educação destes aos professores.

Além destes aspectos, ainda pode ocorrer a falta de apoio e parceria dos demais integrantes do corpo docente e dos gestores. Ou seja, alguns gestores, que deveriam trabalhar ao lado do educador, apoiá-los e se comprometer, efetivamente, com a qualidade da educação.

Além de capacitações, que poderá auxiliar os professores no enfrentamento dos desafios de sua prática, faz-se necessário aos mesmos conhecer a realidade do local onde irá atuar e como vivem seus alunos. Conhecer as condições de vida daquele ambiente ajuda a compreender que muitas vezes as dificuldades vivenciadas podem ser responsáveis pelas limitações dos estudantes. Ou seja, preocupar-se com a realidade dos alunos vem a ser algo fundamental, considerado por nós como algo humano, que demostra uma sensibilidade cabível e necessária ao processo educativo. Neste sentido, o cuidado com o outro não pode ser jamais encarado como perda de tempo. Muito pelo contrário. Trata-se de uma forma humana de (re) conhecimento do outro.

Mesmo diante de diversos obstáculos encontrados, entendemos que ao assumir a posição de educador, cabe a este profissional ter consciência do tamanho de sua responsabilidade. O ato de educar alguém é algo muito maior do que o significado puro da palavra. Faz-se necessário um verdadeiro empenho para facilitar a compreensão dos alunos, que poderão se sentir mais seguros e preparados diante dos obstáculos da vida, se perceberem que contam com a compreensão de seus professores.

Então, abordando agora, especificamente o estudante, podemos considerar que ao longo da graduação existe uma pressão muito grande sobre ele que, muitas vezes, se depara com dificuldades peculiares a cada disciplina, além de suas questões pessoais. Neste sentido, é essencial observar o aluno de

forma única, percebendo as inconstâncias que surgem durante seu percurso na academia.

Esta vivência pode se tornar mais fácil quando o educador tem uma visão mais humanizada sobre o seu aluno. Isso não implica em superproteção, mas em ajudá-lo para que a caminhada seja mais leve. É necessário que o docente tenha um olhar mais cauteloso e amoroso com seus alunos, tentando observá-los, mesmo que de forma superficial, buscando entender que eles também têm problemas pessoais que, muitas vezes, os impedem de avançar da forma desejada. Essa instabilidade é mais do que compreensível, já que estamos lidando com seres humanos que possuem particularidades. Propomos, então, que haja uma adaptação do método que está sendo utilizado pelo professor.

Fazendo uma análise sobre uma questão social, entre os deveres atribuídos ao educador, está o de instigar a formação de uma consciência crítica em relação ao que é visto como certo diante da sociedade. Segundo Bollnow (1971), o homem possui a capacidade de se modificar de acordo com as necessidades que vão surgindo. Cada forma de agir é baseada em um planejamento dos melhores métodos de ensino e do material que será utilizado, mas isso não basta se não houver uma postura humanizada e compreensível dirigida aos alunos. Atitudes positivas e empáticas, que demonstram respeito e solidariedade, servem como exemplo a ser seguido por todos.

Sendo assim, a influência do educador pode fazer uma diferença memorável sobre como esses jovens irão se relacionar com o mundo, transformando-se incessantemente. Ainda assim, o cuidado com o aluno não garante que ele não tenha conflitos ou vivencie *crises*[2] durante o período acadêmico. Caso elas ocorram, apesar de não deverem ser provocadas, poderão representar uma oportunidade de crescimento pessoal. De acordo com Bollnow (1971), é natural que os alunos passem por instabilidades, por este motivo o processo da educação deve ser encarado como algo descontínuo e mutável. Com esforço e vontade, advindos tanto por parte dos alunos, quanto dos professores, contudo, é possível se buscar um processo de ensino e

[2] Optamos por usar as palavras crise ou crises em itálico, por uma questão de estilo, apenas para destacar o conceito e sua relevância em nosso trabalho. Respeitaremos, contudo, o modo como essas palavras forem expressas, quando usadas literalmente pelos autores pesquisados.

aprendizagem que não implique em sobrecargas que levem o estudante a um adoecimento emocional.

Além de Bollnow (1971), Röhr (2010) será outro autor que iremos aprofundar posteriormente. Ele também faz referências à *crise*. Segundo ele, ela pode surgir durante o processo educacional e o que é realmente importante questionar é como se daria o seu enfrentamento, ou seja, de que forma as práticas pedagógicas poderiam ajudar no enfrentamento e superação dessas problemáticas. Para ele:

> [...] a educação é somente mais um elemento social mergulhado e contaminado pelos demais e, portanto, igualmente em crise, necessitando da superação das crises dos outros elementos tanto quanto dela se espera uma contribuição na solução das demais áreas (p. 1).

Segundo Röhr (2010), os seres humanos buscam sempre alcançar certa plenitude, porém, acabam fazendo exatamente o oposto, a partir do momento em que nos aproximamos daquilo que vem a ser nosso maior interesse e nos afastamos de algo que é oposto. Ser mais pleno, nessa situação significa incluir, apropriar-se do estranho, no sentido de tornar o estranho familiar, ou seja, algo próprio.

O tema da presente pesquisa brotou em virtude de nossa experiência em relação ao enfrentamento de várias *crises* durante a graduação. Estamos certas de que elas poderiam ter sido aliviadas, se os educadores nos acolhessem de modo mais humano. E foi essa, justamente, a grande motivação para a realização deste estudo.

Para mostrarmos a originalidade e relevância de nosso trabalho, realizamos uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) de pesquisas realizadas na área de Educação e de Formação Humana nos últimos cinco anos, de 2014 até 2018.

Na Tabela 1 estão expostos os resultados encontrados:

Tabela 1 - Incidência de trabalhos publicados entre os anos de 2014 a 2018 relacionados ao tema da Educação e Formação Humana.

Descritores	Anos				
Educação e Formação Humana	2014	2015	2016	2017	2018
	3	1	6	0	2

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD.

Através do uso dos descritores “Educação e Formação Humana”, achamos 12 trabalhos. Em nenhum dos trabalhos investigados, encontramos o foco que iremos apresentar aqui, o que comprova a existência de uma carência significativa em relação a trabalhos que pesquisem diretamente sobre o tema proposto.

O que mais se aproximou de nossa proposta foi o intitulado “Formação humanista na educação superior: O caso do Unilasalle Canoas”, de autoria de Daniela dos Santos Cardoso. Em sua dissertação, a autora buscou identificar se a formação que era oferecida na graduação do Centro Universitário *La Salle* Canoas *(Unilasalle*) (localizado na região metropolitana de Porto Alegre – Brasil) buscava trabalhar através de uma dimensão humanista. Este trabalho foi direcionado à área de Gestão, Políticas Públicas e Educação. Seu problema de pesquisa foi buscar compreender como se apresentava a dimensão humana na visão dos formandos. Como metodologia, foi feito um estudo de caso, composto por dados quantitativos e qualitativos, realizado nos cursos de graduação oferecidos pela IES. Após o questionário, os resultados mostraram que a IES tem como princípios, identidades e características, um olhar necessário à promoção da formação humanista, buscando uma filosofia que visa à pessoa em sua integralidade, evidenciando que a figura do professor possui um papel importantíssimo neste processo.

O nosso trabalho se diferencia do mencionado, justamente por fazer uma pesquisa voltada aos próprios estudantes e como eles se sentem diante de professores que apresentam, ou não, uma visão humanizada em sala de aula, durante seu curso de graduação. Buscamos contemplar em uma questão muito

importante, que é a *crise,* e de que forma essa visão humanizada pode contribuir para evitar a incidência da mesma.

Ele será apresentado da seguinte maneira: No 1º capítulo iremos abordar a importância de um método de ensino baseado na Teoria de Bollnow e os conceitos de Multidimensionalidade Humana de Röhr. No 2º apresentaremos a nossa metodologia, detalhando os instrumentos utilizados. No 3º capítulo serão expostos os nossos resultados e a análise dos mesmos. No 4º e último capítulo exibiremos nossas considerações finais, para então apresentarmos as referências bibliográficas utilizadas.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Conhecer como os alunos avaliam os professores de sua graduação, em relação aos auxílios oferecidos a eles diante de possíveis *crises*.

2.2 ESPECÍFICOS

- Analisar, na ótica de alunos regularmente matriculados em um Curso superior de Química, licenciatura, como eles acreditam que uma relação humanizada com seus professores poderia contribuir para sua formação acadêmica;

- Compreender, sob o ponto de vista dos alunos, os motivos de nem sempre haver uma relação humanizada com seus professores.

3 FORMAÇÃO HUMANA E EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DE BOLLNOW E DE RÖHR

3.1 ALGUNS CONCEITOS DE OTTO F. BOLLNOW

Uma escola ideal pode ser construída tendo como base conceitos como o amor e cuidado com o próximo. Acreditamos que a relação entre professor e aluno ocorre de maneira mais satisfatória quando existe uma troca mútua não apenas de conhecimento, mas também de afeto. Começamos destacando o papel fundamental do professor para a formação integral do aluno, de forma ampla, devendo aquele se comprometer com uma educação de qualidade que faça do espaço acadêmico um local protetivo, que traga segurança e qualidade de vida para quem o frequente.

Mas nem sempre a tarefa educativa será fácil. A partir do momento que o educador assume a missão de facilitar a apreensão do conhecimento no outro, ele deve estar disposto a enfrentar as possíveis dificuldades que vêm juntas. Evitar, ou até se esquivar dessas obrigações, é algo impróprio, diríamos que até que antiético e desumano, que foge dos princípios educacionais. Enfrentamentos, portanto, são inevitáveis.

Otto Friedrich Bollnow (1903-1991), um dos estudiosos a quem recorremos para realização do presente trabalho a quem citamos brevemente na introdução, foi um filósofo alemão, pedagogo e arquiteto. Ele cursou o primário em Anklam e estudou Matemática e Física na Universidade de Göttingen. Durante este período recebeu influências do também filósofo Hermann Nohl. Cursou doutorado em Física, no ano de 1925. Ele escreveu 38 livros e mais de 400 artigos e resenhas sobre Educação e Filosofia.

Em seus estudos, Bollnow apresenta o conceito de *crise*. Ela pode ser responsável até pela desistência de permanecer no local, seja ele no trabalho, ambiente familiar e, por que não, no espaço escolar. Pode surgir a qualquer momento da vida e, no caso de ocorrer no espaço acadêmico, pode comprometer o desempenho do aluno. Ela não ocorre de forma isolada, trazendo vários outros problemas, tais como: insegurança, medo de fracassar e sensação de incapacidade.

Bollnow (1971, p. 56) considera que,

> [...] está implícito na própria estrutura da vida humana, que a vida deve passar por instabilidades, descontinuidades, pelas rupturas e cortes, pelos novos-começos repentinos, de tal maneira que todos esses fenômenos devem também ser introduzidos e considerados na educação? Ou não será possível que a vida se desenvolva de dentro para fora, paulatina e continuamente, sim, como se costuma dizer, organicamente, sem que necessite passar por tais crises?

Além disso, a própria convivência acadêmica pode funcionar como um “gatilho”, responsável por agravar os conflitos, desencadear sentimentos desagradáveis que muitas vezes vêm carregados de frustrações e, consequentemente, prejudicam não só o aprendizado, mas a convivência com pessoas que não estão preparadas para lidar com a mesma.

Na maioria das vezes, professores e alunos estão despreparados para lidar com tal situação, mas espera-se que o espaço acadêmico ofereça algum tipo de suporte aos pares. Esse auxílio deve ser fornecido cautelosamente, para que essa ajuda não seja confundida com um privilégio, podendo, inclusive, atrapalhar o amadurecimento advindo do enfrentamento da *crise*. Falando especificamente da *crise* no aluno, espera-se que o educador o auxilie a enfrentá-la, sem evitar o confronto com a mesma, pois, se assim o fizer, estará retardando o amadurecimento daquele. Obviamente, também não é desejável se provocar a *crise*, pois junto a ela, cria-se uma situação de risco que pode fugir ao controle.

Neste sentido, faz-se necessário, ajudar o aluno a passar pela *crise*, orientando e mostrando as estratégias necessárias para que haja um enfrentamento harmônico e uma postura mais segura diante das adversidades que venham a surgir.

De acordo com a teoria em questão, a *confiança* surge para amenizar os efeitos da *crise*, pois mostrar que o estudante é capaz de evoluir em suas atividades e que existe alguém ali que está acreditando no seu potencial, se reveste em uma ajuda significativa em prol da desconstrução do medo, e do fortalecimento do ser que poderá ficar mais autoconfiante diante das

dificuldades. É tudo uma questão de entender o outro como ser humano que precisa de apoio e cuidado para poder adquirir a necessária confiança para prosseguir com suas atividades, em busca de realizar seus sonhos e alcançar seus objetivos. E será sobre a *confiança* que trataremos a seguir!

Trata-se de outro aspecto abordado pelo autor. Segundo ele toda *confiança* transforma o outro em uma pessoa melhor. Ou seja, é possível fazer o outro homem diretamente melhor, tendo-o por melhor. A *confiança* é transformadora, peça importante na evolução, pois abre espaço para que dentro da educação o aluno se sinta importante, possibilitando que ele veja que é capaz de vencer obstáculos e que durante a caminhada ele não está sozinho, que há um professor que está ali, depositando um sentimento de encorajamento sobre ele.

Dessa forma,

> confiar significa sempre de novo: entregar-se incondicionalmente a algo que não pode ser provado nem coagido, porque depende da livre vontade, por sua natureza imprevisível, de outro homem (BOLLNOW, 1971, p. 224).

Outro conceito desenvolvido por Bollnow (1971) é o de *audácia*. Na *audácia* o educador deve aparecer como um provocador, desafiando e questionando o aluno, no intuito de despertar algo que talvez nem o próprio estudante tenha total noção de que é capaz. Neste caso, sugere uma incitação de provocações que causam a instabilidade. Mas, como fazer essas provocações sem que acabe fugindo do controle e cause um transtorno no estudante? A partir do momento em que o educador se mostra como um orientador no processo, os alunos podem sentir confiança em saber que a intenção principal não é a de prejudicar e sim a de buscar, no seu íntimo, uma luz que transborde o conhecimento. Entender que momentos assim contribuem com o crescimento faz com que os estudantes sintam *confiança* e desejem buscar o novo.

Durante esse processo, ambos devem estar preparados para um momento de desconforto e até de desmotivação, caso não haja um olhar humanizado e compreensivo. Bollnow (1971) considera que, neste caso,

estamos tratando sobre o *fracasso*, que pode ocorrer tanto com o educador, quanto com o educando. No caso do educador é mais delicado, pois reconhecer que um planejamento fracassou é algo que foge de todos os seus planos. Segundo o autor (p. 206) "[...] a possibilidade de *fracasso* está contida desde o início, como um fator determinante, na ação educativa". O educador deve compreender que esse movimento faz parte de todo o período educativo para que seja dado um verdadeiro sentido à educação.

Analisando o *fracasso* quando vem do estudante, este pode resultar de vários motivos que vão muito além das dificuldades vivenciadas em sala de aula. Como já mencionamos quando apresentamos o conceito de *crise*, a "bagagem" que o aluno carrega para as aulas, em virtude de estar passando por *crises* pessoais pode, muitas vezes, ser pesada demais e, por fim, chegar a atrapalhar a assimilação do conhecimento.

O reconhecimento da existência de fatores extraescolares que interferem no desempenho acadêmico dos alunos e a necessidade da devida sensibilidade por parte do professor não implica, contudo, que este faça qualquer tipo de manobra que permita que o aluno se beneficie da ajuda sem que se envolva e se comprometa com sua aprendizagem. Não é disto que estamos tratando. Mas observar a turma com cautela, olhar cada aluno como um ser humano, entendendo que ele pode não estar conseguindo atingir seus objetivos por motivos outros que vão além de suas forças, além do que consegue expor, é algo essencial ao exercício da docência.

Segundo Bollnow (1971), a *audácia* e a possibilidade do *fracasso,* portanto, fazem parte da educação.

> [...] eliminar da educação o caráter de audácia condicionado pela liberdade, a fim de evitar o perigo do fracasso, degrada necessariamente o outro homem, tornando-o simples material de minha elaboração. Fere, portanto, a dignidade desse outro homem e com isso também a dignidade da própria educação (p. 209).

A seguir apresentaremos algumas reflexões de Röhr (2010) sobre formação humana, e também sobre confiança, que em muito contribuirão para a visão de integralidade que investigamos no presente trabalho.

3.2 A CONCEPÇÃO DE INTEGRALIDADE SEGUNDO FERDINAND RÖHR

Para Rohr (2010), o ser humano é constituído de múltiplas dimensões. São cinco as dimensões básicas: *Dimensão física, Sensorial, Emocional, Mental* e *Espiritual.*

A *Dimensão física* inclui a corporalidade físico-biológica, da qual em parte temos percepção. Analisando esta dimensão, podemos refletir sobre o que pode ser produtivo ou destrutivo em uma sala de aula. Muitas vezes elas estão superlotadas e o aprendizado pode ser comprometido quando o ambiente não está agradável para o acolhimento dos estudantes. Questões básicas, como a ausência de uma sala iluminada, arejada e com ventilação, podem comprometer a concentração e o desempenho do educando.

A *Dimensão sensorial* é representada pelas nossas sensações físicas, calor-frio, sendo basicamente o que envolve os cinco sentidos.

A *Dimensão emocional* engloba a vida da nossa psique, os estados emocionais (medo, insegurança, euforia, apatia, tristeza, etc.) e suas respectivas movimentações e compensações. Esta dimensão necessita ser observada com cautela. Estudantes dotados destes sentimentos podem tê-los potencializados se o ambiente for percebido como ameaçador. Neste caso, não se consegue uma evolução satisfatória do aprendizado, pelo contrário, há um reforço das limitações já existentes.

A *Dimensão mental* do ser humano inclui, em primeiro lugar, o racional, o lógico, quer dizer, aquela parte que correspondemos quando pensamos. Nesta dimensão é possível fazer análises e questionar o porquê das coisas, buscar pela memória, refletir sobre os acontecimentos.

A *Dimensão espiritual* não deve ser confundida com religiosidade. Ela pode estar inserida na religião, mas não necessariamente. Infelizmente há

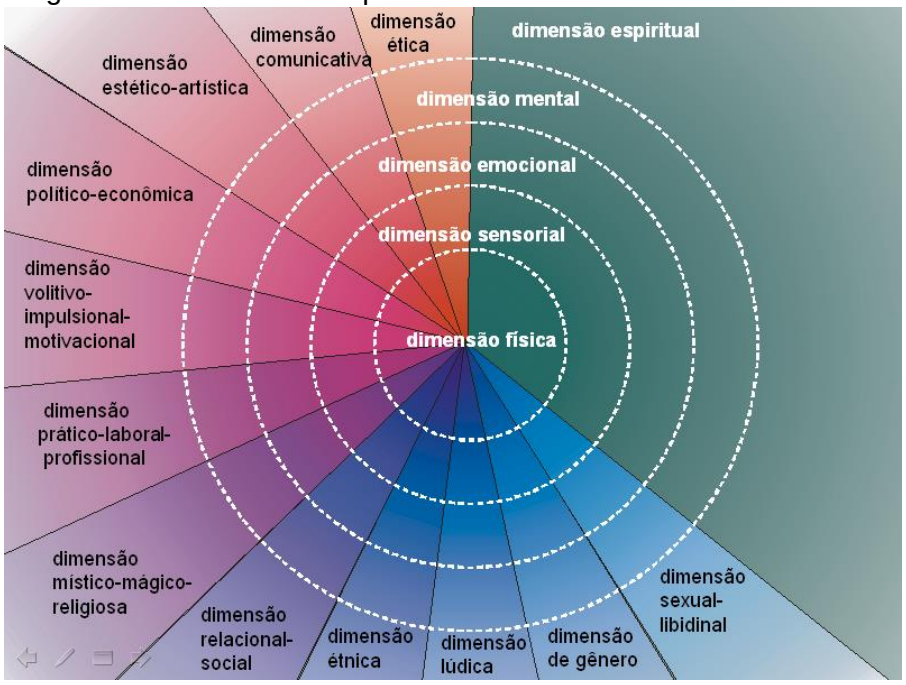
religiões que tem muito pouco de espiritualidade! Para o autor, “a dimensão espiritual transcende a realidade empiricamente verificável e nem por isso deixa de ser realidade para quem se volta para ela e se compromete com ela” (p.15). Não é possível descartar essa dimensão, pois da mesma forma que as outras estão interligadas, esta também está.

Além das dimensões mencionadas existem as chamadas dimensões temáticas que, por perpassarem as dimensões básicas, também podem ser chamadas *“Dimensões transversais*”, que são: a *Dimensão Relacional-social, a Prático-laboral-profissional, a Político-econômica, a Comunicativa, a Sexual-libidinal e de Gênero, a Étnica, a Estético-artística, a Ética, a Místico-mágico-religiosa, a Lúdica e a Volitivo-impulsional-motivacional* (RÖHR, 1999b, 2004, 2006a, 2006b, 2007).

Para o autor há uma ligação entre todas as dimensões. “O mais comum é constatar que desarmonias e bloqueios nas dimensões mais densas impedem as atividades e manifestações das esferas mais sutis” (RÖHR, 2010, p.17). Mas o contrário também ocorre. Por exemplo, estados emocionais desiquilibrados podem se manifestar como somatizações. Neste caso, uma realidade mais sutil, como a emocional, não deixa de influenciar uma mais densa, como a física. Portanto, uma situação que pode parecer isolada, e até simples, pode influenciar em uma dificuldade ou até em um bloqueio de aprendizagem.

A Figura 1 representa o modelo apresentado por Röhr, em relação às dimensões básicas e temáticas:

Figura 1: Modelo de Röhr para as dimensões básicas e temáticas.



Direcionar ao outro uma visão multidimensional, harmônica, sem privilégio de uma dimensão em detrimento de outra, implica em legitimar a complexidade do humano. Lamentavelmente, nas escolas, há um privilégio da dimensão mental em detrimento das demais, como se o racional esgotasse todas as nuances do humano, compondo, dessa forma, uma visão frágil, equivocada e reducionista.

Considerar a multidimensionalidade humana na educação favorece a relação entre alunos e professores. Entender as particularidades do outro, suas limitações e buscar formas de aproximação de acordo com as múltiplas dimensões que nos compõem é uma forma humanizada de lidar com o outro. A compreensão da multiplicidade humana também se dá a partir de uma relação de confiança mútua.

Röhr (2010), ao abordar a temática da *confiança*, ressalta sua importância para o espaço educacional e também para a vida. Perguntamo-nos sobre como é possível conviver com seres humanos sem um mínimo desse sentimento? Em virtude das decepções e obstáculos que surgem na vida, a possibilidade de depositar esse sentimento em alguém se torna mais complicada, porém não é impossível.

Abordando, especificamente, a parte pedagógica, entendemos que é um desafio inquestionável ao educador confiar em seu aluno. E quando chegamos a essa impressão, não estamos considerando apenas confiar em determinada situação, mas em confiar no ser, em toda a sua multiplicidade. Apesar desta postura não ser simples, se analisarmos com cautela, é possível verificar que depois que esse sentimento é instalado, ambas as partes podem ser beneficiadas.

Ao confiar no aluno, este passa a acreditar que naquele espaço, diante de tantas pessoas, há alguém que acredita e confia em seu potencial. Porém, para surtir o efeito de encorajamento, deve ser algo concreto e verdadeiro, pois o professor deve confiar no aluno e tentar lhe mostrar que ele é capaz de atingir metas e vencer obstáculos.

Um ponto muito importante a ser levado em consideração é o fato de que confiar em suas habilidades e nas dos alunos não quer dizer, necessariamente, que a turma terá um ótimo desempenho, em sua unanimidade, já que existem peculiaridades, dificuldades advindas de cada um. Saber lidar com as situações é algo que se mostra essencial, de suma importância, com vistas a não haver desmotivação de ambos os lados envolvidos. Entendemos, portanto, que confiar representa uma difícil tarefa, sobretudo, em um mundo que, tantas vezes, se mostra contraditório e em *crise.* Portanto, quando houver situações onde a desconfiança ou desmotivação surjam, é imprescindível manter o foco e continuar seguindo, buscando sempre o melhor, fazendo a nossa parte!

A seguir apresentaremos a metodologia empregada em nossa pesquisa.

4 METODOLOGIA

4.1 LOCAL E PERÍODO

Esta pesquisa teve como objetivo mostrar a importância de uma vivência mais humanizada nas relações entre professores e alunos, com ganhos para ambos. Ela foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), situado no interior do estado de Pernambuco, com estudantes do 1º, 5º e 10º períodos do Curso de Química, licenciatura, no mês de novembro de 2019.

4.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa se classifica como sendo qualitativa. Segundo Gil (1991), a pesquisa qualitativa ocorre quando o pesquisador é o responsável por analisar as informações obtidas, de modo que possa realizar interpretações de caráter subjetivo. É válido ressaltar, que o método qualitativo se caracteriza por analisar o caráter dos sujeitos de uma pesquisa ou estudo, focando em suas particularidades e experiências, individualmente.

Além da pesquisa qualitativa, segundo o mesmo autor, ainda há a: Quantitativa, onde se visa à obtenção de valores numéricos que representam os dados obtidos; Mista, que engloba os dois tipos de pesquisa citados anteriormente; Exploratória, que busca orientar e formular hipóteses; Conclusiva, quando se busca respostas para um questionamento específico; Bibliográfica, que é elaborada a partir de livros, artigos, que atualmente podem ser encontrados na *internet* e; Documental, que é elaborada a partir de materiais que não receberam um tratamento analítico.

Realizamos uma pesquisa de campo, tendo como objetivo conhecer, sob o ponto de vista dos alunos, se houve professores que os auxiliaram na superação de *crises.* E um estudo transversal, já que os dados foram coletados em um dado período de tempo com vistas a obter informações sobre o que estava acontecendo naquele momento.

Segundo Bastos e Duquia (2007), de acordo com os dados obtidos no questionário, é possível identificar a diferença entre estudos experimentais dos observacionais. Tratando do experimental, existe uma intervenção feita pelo aplicador nos participantes. Já no caso dos observacionais, não existe intervenção do pesquisador, que apenas observa e faz os registros das informações para análises posteriores.

> [...] os estudos transversais constituem uma subcategoria dos estudos observacionais. Em se tratando da forma como os dados são coletados no tempo, os delineamentos podem ser concebidos de duas formas. Uma delas é denominada longitudinal, isto é, nestas investigações há clareza de como as informações coletadas dispõe-se de maneira cronológica. No outro caso, a coleta de dados pode envolver um recorte único no tempo (BASTOS E DUQUIA, 2007, p. 230).

4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS

4.3.1 Questionário

Coletamos as respostas dos estudantes através da aplicação de um questionário contendo x perguntas (APÊNDICE 1). Um questionário é considerado um instrumento de pesquisa constituído por diversas questões relacionadas a um tema desejado. Seu intuito é buscar a compreensão e tradução da informação que é desejada, através de um conjunto de perguntas consideradas específicas que buscam o mínimo possível de erros nas respostas.

Realizar um questionário de maneira padrão para assim questionar os dados é essencial para garantir uma maior precisão nos resultados. Os procedimentos geralmente utilizados são: a abordagem do problema, o planejamento do estudo, a obtenção de dados e a análise estatística com discussão de resultados. (VIEIRA, 2009)

Existem vários tipos de questionários: Aberto, fechado e semiaberto. Cada uma dessas três modalidades pode ser definida levando em conta a natureza das perguntas.

> As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. [...] Já as perguntas fechadas trarão alternativas específicas para que o informante escolha uma delas. Têm como aspecto negativo a limitação das possibilidades de respostas, restringindo, pois, as possibilidades de manifestação do interrogado. Elas poderão ser de múltipla escolha ou apenas dicotômicas (trazendo apenas duas opções, a exemplo de: sim ou não; favorável ou contrário) (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 262).

O questionário semiaberto vem a ser justamente um misto entre os dois anteriores, onde podemos encontrar informações tanto argumentativas, quanto objetivas. Optamos pela utilização do questionário semiaberto, pois buscamos respostas diretas, contemplando o objetivo da nossa pesquisa, mas também foi possibilitado aos estudantes irem além de nossas perspectivas.

Os critérios utilizados para definir as turmas participantes foram:

- O *primeiro período*: Selecionado por acreditarmos na existência de mais incertezas sobre o curso, sobre o futuro, e se realmente estão preparados para enfrentar as dificuldades advindas de uma formação que irá durar, pelo menos, cinco anos. Na maioria dos casos nos deparamos com alunos que acabaram de sair do ensino médio e estão inseguros sobre o enfrentamento de uma nova realidade que está por vir. Em outros casos, temos alunos que já concluíram há mais tempo e só agora conseguiram ingressar em uma universidade e, por isto, também podem encontrar dificuldades em se readaptarem a rotina de estudante.

- O *quinto período*: Escolhido porque nele os alunos já enfrentaram grandes desafios e, estando ainda na metade do curso, se não houver um estímulo positivo para enfrentarem o percurso que ainda está por vir, podem acabar se sentindo desmotivados e impossibilitados de conclui-lo.

- Já o *décimo período* foi incluído por entendemos que nele os estudantes podem falar com mais clareza sobre a importância que a presença de professores com uma visão mais humanizada possuiu para que chegassem até aquele momento, prestes a concluírem o curso. Do mesmo modo, também podem avaliar como

professores omissos, mesmo sem terem tido essa intenção, podem ter prejudicado, direta ou indiretamente, seus desempenhos.

Após a seleção das turmas, solicitamos a autorização dos professores responsáveis para realizarmos a aplicação dos questionários nos momentos em que os alunos ainda estivessem em aula. Após assegurada esta autorização, fomos às salas de aula, explicamos os nossos objetivos, solicitamos a colaboração dos alunos presentes e aguardamos, presencialmente, o término dos preenchimentos dos questionários, dirimindo possíveis dúvidas. Posteriormente, recolhemos todo o material e iniciamos nossa análise.

4.3.2 Análise dos dados

Entendemos que a formação dos alunos refletirá em seu futuro enquanto profissionais. Então, buscar compreender qual a visão deles diante de um tema abordado é essencial para o favorecimento de uma visão de formação mais humanizada e responsável.

Os resultados obtidos foram submetidos a uma análise minuciosa. As respostas foram agrupadas em categorias, de acordo com os temas semelhantes. A seguir, apresentaremos os nossos resultados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme exposto em nossa metodologia, nossa pesquisa foi realizada com os licenciandos do curso de Química, licenciatura, da UFPE/CAA. Participaram deste estudo, 27 alunos do primeiro período, 13 alunos do quinto período e 19 alunos do décimo período, totalizando 59 alunos. As idades variaram entre 18 e 30 anos, mas este aspecto não pareceu relevante, já que os estudantes apresentaram respostas parecidas, independente da faixa etária.

Apresentaremos, a seguir, apenas as duas perguntas que contemplaram diretamente os nossos objetivos específicos, com os resultados agrupados por categorias temáticas. É importante dizer, que nem sempre o número de respostas irá coincidir com o número de participantes, já que eles poderiam dar mais uma resposta às nossas perguntas.

A primeira pergunta que fizemos e as respostas fornecidas pelos alunos participantes estão expostas no Quadro 1:

QUADRO 1. Respostas dadas a respeito da pergunta: “Por que você acha que alguns professores, às vezes, não desenvolvem uma relação humanizada com seus alunos?”

	Respostas	**Quantidade**
1	*Falta de humanidade / excesso de egocentrismo / Educadores que se sentem Superiores*	*21*
2	Falta de formação específica por parte do professor	12
3	Dificuldades em lidar e acolher as limitações dos alunos	12
4	Estão sobrecarregados	3
5	Falta de diálogo	3
6	Má vontade	2
7	Medo de confundir o pessoal com o profissional	2
8	Não aceitam críticas	1
Total de respostas		**56**

Como pode ser percebido, segundo os alunos existe certo bloqueio quando tratamos da relação com seus professores. Três deles não

responderam. As respostas que obtiveram os maiores percentuais em relação aos possíveis motivos para que alguns professores, às vezes, não desenvolvessem uma relação humanizada com eles foram: Pela falta de humanidade; Excesso de egocentrismo; e em função de assumirem uma postura de superioridade (21 respostas do total de 59).

Em seguida, foram citados: O fato de não terem recebido uma formação específica para isso e, também; pelas dificuldades de lidarem e acolherem as limitações dos alunos (ambas as respostas foram citadas 12 vezes).

No que diz respeito à falta de uma formação direcionada, podemos considerar que a ausência, muitas vezes, de um preparo por parte dos educadores, no que diz respeito a uma abordagem humana em sala de aula, acentua, ou até mesmo gera um obstáculo para os estudantes que precisam superar, muitas vezes sozinhos, uma gama de aspectos que compromete diretamente a sua aprendizagem. Ou seja, há uma necessidade dos estudantes se sentirem amparados (isto não quer dizer superprotegidos), tendo a certeza de que, diante das dificuldades apresentadas, ali estará uma equipe docente que compreende as limitações humanas. Quando isso não ocorre, esta mesma equipe, infelizmente, contribui pela falta do êxito acadêmico esperado. Neste sentido, sobre as dificuldades para lidarem e acolherem as limitações dos alunos podemos mencionar que, muitas vezes, são imensas, e que uma abordagem humana por parte do professor é essencial.

Conforme já apontamos na temática apresentada por Bollnow (1971), o processo educativo é considerado descontínuo e instável, o que implica que o ambiente pedagógico deve sempre estar preparado para acolher as inconsistências, porventura vivenciadas pelos alunos. Quando os professores não os acolhem, verdadeiramente, podemos ter prejuízos importantes não apenas para a formação acadêmica do aluno, mas também com prejuízo para sua vida pessoal. Neste sentido, “em termos gerais, trata-se de ampliar a Pedagogia clássica, baseada nos processos estáveis e contínuos da educação, por uma Pedagogia de formas instáveis da educação a ela correlata” (p. 30).

Uma palavra que pode ser considerada chave durante essa primeira tabela de resultados é a falta de diálogo. O fato de alguns professores

permanecerem adotando, muitas vezes, uma didática equivocada, não estarem abertos ou preparados para um diálogo franco com os educandos, buscando entender onde estão as dificuldades e limitações, ou até para receberem críticas construtivas, faz com que os obstáculos não sejam ultrapassados. Sendo assim, voltamos ao ponto de que não há um único método e sim algo que vai se modificando de acordo com as necessidades que vão surgindo, sendo necessário que sejam sistematicamente adaptados. Ou seja, tudo vai de acordo com as necessidades apresentadas naquele instante pela turma ou pelo aluno, individualmente.

No Quadro 2 apresentamos a nossa segunda pergunta:

QUADRO 2. Respostas afirmativas fornecidas à pergunta: “Você acha que uma abordagem humana, por parte do professor, poderia interferir em sua formação acadêmica?”

	SIM	**Quantidade**
1	*Seria ótimo saber que em uma crise emocional estaríamos amparados*	*18*
2	O exemplo os tornaria seres humanos melhores	11
3	Melhoraria a aprendizagem	9
4	Daria mais motivação	6
5	Seria mais proveitoso	6
6	Ajudaria a resolver os problemas	6
7	Os alunos ficariam menos pressionados	4
8	Transmitiria mais confiança	3
9	Deveriam entender que existe vida fora da universidade e que os alunos têm seus problemas	2
Total de respostas		**65**

No Quadro 2 podemos observar o quanto os alunos entendem que uma abordagem humanizada por parte dos professores seria importante. Lamentamos quando isso não ocorre, pois estamos falando da formação de futuros educadores que muitas vezes podem vir a reproduzir, exatamente, a forma como foram tratados na graduação, cometendo uma série de equívocos que comprometem a qualidade da educação.

18 respostas dadas consideraram que seria importante que existisse uma abordagem humanizada, pois muitos estudantes se sentem desamparados e desmotivados, favorecendo, inclusive, a manifestação de *crises* emocionais durante o curso, culminado com a desistência do mesmo ou, o que é pior, desistindo da própria vida.

O fenômeno da *crise*, abordado em nossa fundamentação teórica, parece se apresentar de forma concreta nos relatos dos alunos, já que consideraram que seria ótimo saber que estariam amparados caso as vivenciassem.

Já foi mencionado que na formação de professores não existe uma disciplina que tenha um enfoque humanizado. Na Instituição investigada apenas há iniciativas isoladas, como uma disciplina eletiva oferecida nas licenciaturas e a existência de Rodas Semestrais de Conversas organizadas pelos alunos, com a colaboração direta de alguns docentes. Mas entender o que o outro está passando é essencial, pois estamos lidando com seres humanos que têm emoções e sentidos. Alguns podem enfrentar mais facilmente do que outros, porém, compreender que essas questões existem e precisam ser acolhidas é tão, ou mais importante que repassar um conteúdo formal nas disciplinas, programado para o semestre.

A partir do momento que o professor demonstra a sua humanidade, ele dá o seu exemplo e os alunos tendem a se espelhar de acordo com a postura assumida por ele. Segundo Röhr (2010, p. 40), “uma primeira forma de atuar indiretamente no educando é o próprio exemplo do educador“. Neste caso, faz-se necessário ser um exemplo de educador, de um ser humano melhor. Questões como esta, nos traz também outro ponto importante abordado anteriormente, que é a *confiança.*

Bollnow (2010) trata como uma forma de evolução humana, algo visto como sadio para os alunos, se existir a possibilidade de trabalhar em uma atmosfera de *confiança*. Para o autor “Toda confiança a transforma no sentido positivo numa pessoa melhor, naquela pessoa que a confiança tinha pressuposto nela” (p. 222). Sentir *confiança* no educador facilita todos os processos decorrentes da aprendizagem, ou seja, o aluno vai sentir que ali tem abertura para expressar suas dificuldades e limitações e se sentirá

verdadeiramente acolhido. Ou seja, “a perseverança no novo propósito depende realmente não só do jovem, mas também da confiança que o educador lhe mostra pela fé no seu novo propósito” (p. 222).

> [...] Por mais numerosas que sejam as experiências que fundamentam esse ceticismo, sua atuação é, porém, destruidora, porque subtrai à pessoa, apesar de toda a sua sincera vontade, a energia para a execução, energia essa que sempre depende da fé daquele a quem a promessa foi feita. Por isso o educador deve sempre renovar em si esta dinâmica de confiança, apesar de todas as decepções (Idem, p. 223).

Votando à nossa segunda pergunta[3] os que disseram que “NÃO”, não justificaram a sua resposta.

No próximo capítulo, apresentaremos nossas considerações finais.

[3] Se o aluno acha que uma abordagem humana, por parte do professor, poderia interferir em sua formação acadêmica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o tema saúde mental vem sendo abordado com mais ênfase nas salas de aula, mas mesmo assim ainda existe uma carência no que diz respeito ao preparo dos professores para lidarem com situações adversas.

Neste trabalho analisamos as contribuições que uma abordagem humanizada pode trazer para a construção de uma identidade docente considerada satisfatória, principalmente diante de possíveis *crises* vivenciadas pelos seus alunos. Como sabemos, a *crise* é algo que pode estar presente na vida do aluno, e se ela se apresentar, pode ser um obstáculo árduo a ser ultrapassado, caso ele não receba um suporte necessário no momento.

A presente pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco-Campus Agreste, com estudantes do primeiro, quinto e décimo período do curso de Química, Licenciatura. Desejávamos conhecer como os alunos avaliavam os professores de sua graduação, em relação aos auxílios oferecidos diante de possíveis *crises*. Os alunos participantes expressaram a importância de uma abordagem humanizada por parte dos professores durante a graduação.

Retomando os nossos objetivos específicos, podemos mencionar que o primeiro foi: *“analisar, na ótica de alunos regularmente matriculados em um Curso superior de Química, licenciatura, se eles acreditavam que uma relação humanizada com seus professores poderia contribuir para sua formação acadêmica”.*

Neste momento obtivemos resultados próximos ao que era esperado desde que o tema do trabalho foi escolhido. Os alunos durante o questionário apresentaram seus pontos de vista sobre a importância da abordagem humanizada, considerando que poderiam se sentir amparados se houvesse mais diálogo entre as partes, facilitando a colocação dos pontos de vistas sobre melhorias e superação de dificuldades.

Durante uma das questões a seres respondidas havia a pergunta: *Você acha que uma abordagem humana, por parte do professor, poderia interferir em sua formação acadêmica?* Quase todos responderam que SIM.

Pudemos constatar, a partir de algumas respostas, o quão significativo é o acolhimento dos docentes para a formação dos alunos, pois os ajudaria durante a graduação, contribuiria para a formação de seres humanos mais afetivos e empáticos em relação ao outro, como também teríamos futuramente mais profissionais na área de educação com esse tipo de visão.

O nosso segundo objetivo específico foi *"compreender, sob o ponto de vista dos alunos, os motivos de nem sempre haver uma relação humanizada com seus professores".* Os estudantes foram diretos e com respostas bem próximas sobre quais os motivos que os educadores teriam para a ausência de um comportamento humanizado durante as aulas. Isto foi visto em outra questão onde havia a pergunta: "*Por que você acha que alguns professores, às vezes, não desenvolvem uma relação humanizada com seus alunos?"*

As respostas dadas pelos estudantes confirmaram que existe uma carência de um olhar mais humanizado por parte dos professores, já que estamos lidando com seres humanos que, como quaisquer um, têm limitações. Os motivos variaram desde a falta de empatia, excesso de ego, de compreensão, falha de comunicação, até a falta de uma formação específica para o ensino.

Apesar de não ter sido nosso foco, gostaríamos de comentar, ainda, que não houve uma diferença relevante entre as respostas fornecidas pelos alunos, em relação ao período que estavam cursando, se o primeiro, o quinto ou o décimo. Os achados para os nossos dois objetivos foram os mesmos, indistintamente.

Como todo trabalho, enxergamos alguns entraves e limitações que devem ser reconhecidos. Podemos referir a vivência de problemas de saúde, até de problemas técnicos, como uso limitado do computador. O tempo disponível para investirmos na realização do mesmo também interferiu, pois foi difícil conciliar sua produção com o fato de estarmos cursando outras disciplinas.

A coleta dos dados também representou um momento delicado, pois houve dificuldades de encontrar um tempo disponível durante as aulas para a aplicação do questionário. Neste sentido, lamentamos o fato de alguns alunos não terem tido disponibilidade ou um maior tempo para respondê-lo, pois talvez tivéssemos uma maior adesão, com respostas mais completas.

Porém, mesmo com as limitações que vivenciamos, consideramos a pesquisa relevante para o âmbito acadêmico e esperamos que a partir dela surjam novos trabalhos que aprofundem o tema, já que estamos tratando sobre a saúde emocional de futuros professores, que precisam de uma formação que os ajude a lidar com situações adversas que podem surgir consigo e com seus futuros alunos.

Pessoalmente, lucramos sobremaneira! Foi através de vivências próprias que decidimos pesquisar a temática e nos demos conta que não fomos os únicos a vivenciar *crises* ao longo da formação acadêmica e sentimos a necessidade de sermos amparados! Isto pôde ser comprovado através dos relatos dos estudantes participantes.

É lamentável saber que existe uma falta significativa de um olhar humanizado por parte de alguns professores, mas saber que estes alunos, futuros professores, compreendem a importância de tal postura, pode nos dar alguma esperança de que busquem meios de serem diferentes, de fazerem a diferença. Saber que querem algo diferente para seus alunos, quando começarem a atuar na profissão, nos inunda de uma expectativa positiva. Quem sabe podemos esperar por uma melhoria na qualidade das relações, com ganhos para a saúde emocional de estudantes, professores e dos seres humanos em geral.

O nosso trabalho buscou compreender as necessidades dos alunos, transcendendo todas as questões que possam interferir nesse processo. De forma otimista, o que intencionamos foi contribuir positivamente para a formação humana de futuros professores e de seus alunos.

Por fim, não podemos deixar de mencionar que nossa sobrevivência emocional, talvez até física, também resultou de relações humanizadas com alguns professores. Eles nos ajudaram no enfrentamento de nossas *crises!* E hoje entendemos *a nossa importância* na vida deles*...* Vencemos! Estamos encerrando o nosso trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

BASTOS, J. L. D; DUQUIA, R. P. **Notas de Epidemiologia e Estatística** Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. Porto Alegre, Scientia Medica v. 17, n. 4, p. 229-232, out./dez. 2007

BOLLNOW, O. F. **Pedagogia e Filosofia da Existência.** (Editora Vozes limitada, 2008).

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégia de ensino e aprendizagem.** 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHAER, G; DINIZ, R.R.P; RIBEIRO E.A. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Araxá: Evidência, 2011 http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesqusia_social.pdf

GIL, A. C. (1991). **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

Ministério da Educação, (MEC), **Panorama da Educação.** Destaques do Education at a Glance 2018. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2018/Panorama_da_Educacao_2018_do_Education_a_glance.pdf.

OLIVEIRA, C. L. **Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre a Pesquisa Qualitativa:** Tipos, Técnicas e Características. file:///C:/Users/pc/Downloads/Artigo%20sobre%20metodologia.pdf

RÖHR, F. **Diálogos em Educação e Espiritualidade** (Editora Universitária UFPE, 2010).

VIEIRA, S. **Como Elaborar Questionários** (Editora Atlas. 2009) http://www.de.ufpb.br/~juliana/Estatistica%20aplicada%20ao%20servico%20social/Aula_questionario.pdf

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE QUÍMICA - LICENCIATURA

Título do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): "A contribuição de uma abordagem humanizada no espaço acadêmico para o enfrentamento e superação das *crises* socioafetivas vivenciadas pelos discentes"

Discente: Vanessa Alves da Silva / **Orientadora:** Profa. Dra. Ana Lúcia Leal

Esta pesquisa oferecerá por benefícios a ampliação dos conhecimentos sobre o tema, contribuindo com novas informações, úteis à compreensão da prática do professor e da formação humana de seus alunos. As informações obtidas serão rigorosamente confidenciais. Os resultados serão divulgados publicamente, entretanto, a identidade dos participantes voluntários jamais será revelada. Agradecemos demais!

Iniciais/Nome: _____ **Sexo: M ( ) F ( ) Idade:** _____ **Período:** _____

1. O que você entende por um ambiente humanizado na Universidade?_____
_____
_____
_____

2. Por que você acha que alguns professores, às vezes, não desenvolvem uma relação humanizada com seus (suas) aluno(a)s?_____
_____
_____
_____

3. Você acha que o professor está preparado para lidar com as possíveis *crises* emocionais vividas pelo(a)s aluno(a)s?
SIM ( ) NÃO ( )
Explique:_____
_____
_____
_____

4. Você já teve alguma *crise* emocional por causa de algo ligado à Universidade?
SIM ( ) NÃO ( )

5. Caso SIM, o que houve e quem o(a) ajudou?
_____
_____

_____
_____

6. Você consegue lembrar de alguma situação marcante em que o seu professor o(a) tratou com humanidade?

Explique:_____
_____
_____
_____

7. Você acha que uma abordagem humana, por parte do professor, poderia interferir em sua formação acadêmica? SIM ( ) NÃO ( )

Explique:_____
_____
_____
_____